



LEMBRANÇAS DE UM FUTURO DESEJADO: modernização e imprensa no norte goiano (1890-1920)

Radamés Vieira Nunes
Doutorando em História Social pela UFU
UFT

RESUMO

A presente proposta de pesquisa tem como objetivo investigar de que forma o Norte de Goiás, atual Estado do Tocantins, especialmente a cidade de Porto Nacional, vivenciou e experimentou o processo de modernização das cidades nos primeiros anos da República, percebendo qual o lugar da principal cidade do Norte Goiano face ao projeto de modernização e os resultados daí oriundos. Embora localizada geograficamente no centro do Brasil, Porto Nacional esteve à margem, em relação aos centros hegemônicos da época, na dimensão social, cultural, política e econômica não apenas do país, mas também do Estado de Goiás, todavia com influência no Norte desde mesmo Estado. Esta proposta de estudo visa compreender, dentre outras questões: como a cidade portuense foi inserida numa lógica internacional do final do século XIX e início do XX, e se constituiu numa inter-relação com outros espaços urbanos; o que provocou o anúncio do novo em Porto Nacional; as intenções separatistas do norte goiano; as disputas dos diferentes projetos para a cidade, que remetiam também ao que vislumbravam para a região; o debate sobre o processo da construção identitária do “povo do norte” ou “caboclos do Tocantins”; a concepção de “Sertão Goiano”, atribuída à região Norte de Goiás, que foi difundida pela imprensa portuense. Em linhas gerais, interessamo-nos em pensar de que forma as transformações, tragédias, projetos, medos, desejos, encantos, desencantos, conflitos, tensões, promovidos pelo projeto de modernização das cidades, vivenciadas pelos grandes centros, foram postos, experimentados, sentidos, anunciados no “Norte goiano”, realidade supostamente alheia às novas formas urbanas da cidade moderna que surgiu a partir do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Modernização. Norte de Goiás. Imprensa. Identidade

INTRODUÇÃO

Todos os anos, no mês de Julho, se comemora a *Semana da Cultura* em Porto Nacional, celebração responsável pela manutenção da condição, atribuída à cidade, de capital cultural do Estado do Tocantins. Grande parte dos nomes e obras apresentados e destacados na celebração, como símbolos, evidências ou suportes de sustentação dessa condição, são produtos do final do século XIX e início do século XX, momento em que a imagem da cidade se transformou, pois foi submetida a novos contornos de debate.

A forma como o passado é apresentado nas representações da *Semana da Cultura* e o discurso que a cidade mantém sobre si nos dão a sensação de que algo se encontra desajustado, aparentemente fora do lugar, o estranhamento é inevitável. A cidade que celebra não se parece



(ter aspecto de, a aparência de, assemelhar-se; dar a impressão de; aparentar; apresentar-se de determinada forma ao entendimento de alguém) com a cidade celebrada que aparece (revelar-se subitamente; tornar-se perceptível; apresentar-se; tornar-se repentinamente visível). Podemos observar nisto o que JacyAlves Seixas chamou de posturas/imposturas, “as maneiras de apresentar-se aos outros, de identificar-se e reconhecer-se”, que acarretam, também, artifícios e engodos (SEIXAS, 2012:185)?

O legado reivindicado, objeto de contemplação, parece mais espólios de uma guerra que ainda faz vítimas. Trata-se de uma guerra das e nas cidades, não simplesmente entre cidades de diferentes espaços geográficos, mas também entre cidades possíveis que ocupam o mesmo espaço e nele existem simultaneamente numainter-relação. Guerra esta estimulada pelo projeto de modernização das cidades, responsável também pelas regras e a ética estabelecidas nos confrontos. Marcada pelas noções cristalizadas de linearidade e progresso, característicos da modernidade, da virada do XIX para o XX.

Conforme nos orienta Walter Benjamin, sobre a irrevogabilidade do passado, ao que tudo indica o passado da história de Porto Nacional não foi apagado, nem anulado. De maneira que se faz necessário apreender no tecido do presente uma semelhança nos eventos anteriores, daí a exigência, que nos cabe, de perceber e compreender de que forma o passado é constitutivo do presente. O passado da cidade portuense, com suas tramas e urdiduras, precipita-se no tempo presente.

Giorgio Agamben, perpassando as ideias de Walter Benjamin, especialmente sua noção de tempo de agora, nos convoca à urgência de sermos contemporâneos na lida com nosso objeto, pois só assim poderemos colocar em ação “uma relação especial entre os tempos”. Concordando com Agamben “é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo (ou, ainda, quem percebeu a falha ou o ponto de quebra), ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações” (AGAMBEN, 2009:71).

Seguindo ainda, a direção apontada por Giorgio Agamben, nosso intuito é que tomados por essa “invisível luz”, que é o “escuro do presente”, expresso no estranhamento com as



imagens da cidade de Porto Nacional, possamos projetar a sua “sombra” sobre o passado, especialmente aquele em que a cidade moderna e suas fantasias permeiam o sertão goiano, e este passado tocado por esse “facho de sombra”, nos permita adquirir a capacidade de tornar mais inteligível às “trevas do agora” (AGAMBEN, 2009:72).

Em linhas gerais, interessamo-nos em pensar de que forma as transformações, projetos, medos, desejos, encantos, desencantos, conflitos, tensões, promovidos pelo projeto de modernização das cidades, vivenciadas pelos grandes centros “hegemônicos”, chegaram à regiões como o “Norte goiano”, realidade supostamente alheia as novas formas urbanas da cidade moderna que surgiu. Nossa finalidade é pensar, especificamente, a cidade de Porto Nacional, uma das principais cidades do Norte de Goiás, nos primeiros anos da República no Brasil, momento em que a cidade e os paradigmas de modernidade estavam, intensamente, em debate em todas as regiões do país e no mundo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A modernidade como projeto iluminista, racionalista, que fez o homem crer na possibilidade de alcançar a perfectibilidade de forma processual, se apresentou com promessas sem limites, nutrindo grandes expectativas que foram seguidas por proporcionais decepções. Projeto que visava a libertação da civilização, mas que promoveu justamente o contrário, por isso, no diagnóstico de muitos intelectuais, um projeto fracassado com desdobramentos difíceis de se mensurar. O homem moderno dotado de razão e da liberdade criou instrumentos para conhecer o universo, se viu capaz de intervir no mundo e na natureza. Enquanto homem livre e fazendo uso da razão instrumental, criou formas que mudaram a noção de cidade, bem como sua experiência social e espacial.

Já em Pico Della Mirandola, na sua obra *Discurso sobre a dignidade do Homem*, do século XV, é possível identificar a presença da razão moderna, na figura do homem que se pôs a conhecer o mundo e experimentá-lo, mesmo sem romper com a metafísica religiosa. Jacy Alves Seixas, valendo-se das reflexões de Frances Yates e Agnes Heller, aponta para o fato de que a razão científica moderna, por mais paradoxal que isso possa parecer, tem uma matriz na filosofia

hermética. A razão científica moderna naturalizada no século XIX, a muito rompeu com o hermetismo, especialmente no que se refere, ao objeto que se afasta do sujeito e a noção de progresso, temporalidade acumulativa, todavia a questão levantada por Pico Della Mirandola (MIRANDOLA, 2005:69-70) de que o homem não é um ser fixo, é antes um camaleão com potência para se elevar ou se degradar, ainda lhe era contemporânea, pois o homem ainda se via com a liberdade para ser o que quisesse e fazer tudo, inclusive o mau. Na virada do XIX para o XX, a interferência dos homens no espaço urbano testifica essa máxima.

Vários autores com formação, formas e abordagens distintas com diferentes conceitos, em diversos momentos históricos se propuseram a perscrutar a modernidade e suas configurações, os diagnósticos são temerários evidenciam que os caminhos do par razão-liberdade, outrora tomados com euforia na lógica do progresso, levaram ao abismo, tragédia, decomposição da sociedade, desengajamento, fluidez das relações, a uma crise do sujeito e a degradação do homem, sua miséria psíquica e moral. Cornelius Castoriadis, afirma que:

Na história da humanidade não há progresso, salvo no domínio instrumental. (...) se falarmos do plano moral, basta olhar para parar de falar de progresso. O progresso é uma significação imaginária essencialmente capitalista, pela qual o próprio Marx se deixou pegar. (CASTORIADIS, 2002:110)

A situação apresentada por Castoriadis na década de 1990, pode ser identificada também no final do século XIX e início do XX. No estudo sobre as metrópoles, Paris de Walter Benjamin e Berlim de Georg Simmel, são exemplos emblemáticos de como o espaço urbano foi visto, ao mesmo tempo, com fascínio e medo. Os estudos destes intelectuais evidenciam, sobretudo, que nem tudo se explica estritamente por vias racionais. Revelando que na modernidade é preciso observar para além da razão, mas também aquilo que não é dado por ela, suas relações com a dimensão do psíquico, da imaginação, do sensível, da afetividade.

Na historiografia muito se escreveu sobre o projeto de modernização das cidades, pautados na perspectiva de progresso e razão científica modernos, tomando as grandes metrópoles como referência, como foco privilegiado de observação. Essa abordagem aponta para as diferentes formas de como as cidades e as pessoas nas cidades se transformaram ao longo da



modernidade. A literatura talvez tenha tratado sobre o assunto com maior sutileza, basta observarmos, por exemplo, o *Flâneur* de Baudelaire, ou mesmo *O homem da multidão* de Edgar Allan Poe, *O homem da cabeça de papelão* de João do Rio, os exemplos são incontáveis.

A própria historiografia se apropriou dela para refletir sobre como a modernidade foi posta, experimentada e vivenciada nos lugares, como práticas e representações vivas e dinâmicas nas cidades que se tornaram metrópoles em mutação. As vitrines, avenidas, palácios, multidões de pessoas e coisas, emaranhado de sensações, ausência de referência denunciam a imensidão da metrópole e as mudanças de natureza social e espacial das relações, que são ao mesmo tempo encantadoras e assustadoras. Novo tipo de forma urbana ganha evidência, na qual nenhuma forma anterior da cidade se assemelha a cidade moderna que surgiu no século XIX.

A vida urbana nas grandes cidades se revelou perturbadora, cheia de belezas e monstruosidades. Novas sensibilidades foram produzidas nos centros urbanos modernos, a cidade parece ter se tornado estranha aos seus moradores, ela assumiu uma lógica espacial e produtiva caracteristicamente moderna.

Tal discussão me faz pensar em algumas questões, que tomarei como direção no enfrentamento com este texto, existe algo que uni essas grandes cidades a Porto Nacional? É possível dizer que a metrópole se interpõe na cidade do sertão goiano? O que as grandes cidades fizeram com as pessoas? Até que ponto ela promoveu a mudança de um diálogo com o eu e com o outro? Há perplexidade na experiência urbana das cidades como Porto Nacional? O mal-estar da vida moderna atingiu a cidade portuense? Será que existe algo que liga as representações criadas sobre uma cidade do Norte de Goiás, na virada do XIX para o XX, ao debate em torno dos centros cosmopolitas travado em outros lugares, para além do Brasil? Pensar o debate em Porto Nacional pode revelar aspectos da realidade a qual os teóricos das metrópoles e seus literatos vivenciaram?

Faz-se necessário ressaltar que embora debruçados sobre essas questões, ao longo desse texto, não temos a pretensão de oferecer respostas a todas elas, são apenas pistas de um exercício de reflexão, que não se sabe ao certo aonde nos levará.



A partir dessas indagações, acreditamos que Walter Benjamin, na reflexão *Sobre o conceito da história* nos aponta uma perspectiva interessante para perseguir. Segundo o autor:

Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto monôda. O materialismo histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto monôda. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. (BENJAMIM, 1994:231)

Dentre outras considerações desse trecho, da tese de Benjamin, gostaríamos de destacar o conceito de mônoda. O objeto histórico confrontado enquanto mônoda, ou seja, como unidade atômica e indivisível, nos remete a totalidade do processo histórico. Baseado nesse princípio o debate sobre a cidade Porto Nacional, a que nos dedicamos, aparece como uma parcela da realidade que espelha o todo. Sendo assim, analisar a modernidade vivenciada e experimentada em Porto Nacional pode sim nos remeter, ou ligar nosso objeto, a outras parcelas da realidade.

As transformações da cidade nos diversos aspectos que a constitui, foi tema muito explorado pela historiografia, especialmente em relação as metrópoles como França, Berlim, Londres, Nova Iorque, no Brasil Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, entre outras. Reduzir a escala de observação e perceber como esse fenômeno se deu fora dos grandes centros, nos permite identificar novos significados que na escala maior são imperceptíveis. Nesse sentido, investigamos a cidade de Porto Nacional não para apresentar mais um exemplo do projeto de modernização das cidades. Não se trata de estudar o contexto global ou brasileiro para dar significado ao processo ocorrido na então região do Norte Goiano, mas sim de estudar o fenômeno em Porto Nacional para dar significado ao contexto geral, ou projetar sobre este as obscuridades ou, nos termos de Giorgio Agamben, o fecho de trevas.

Paul Ricoeur, teorizando sobre o conceito de *escala*, nos chama atenção para o fato de que mesmo sendo tomada de empréstimo da cartografia, arquitetura e da óptica, a noção de escala quando utilizada por historiadores possui algo próprio, que é:

a ausência de comensurabilidade das dimensões. Ao mudar de escala, não vemos as mesmas coisas maiores ou menores, em caracteres grandes ou pequenos, como disse Platão na República sobre a relação entre a alma e a cidade. Vemos coisas diferentes. Não se pode mais falar de redução de escala. São encadeamentos diferentes em configuração e em causalidade. (RICOEUR, 2007:222)

Tendo em mente essa perspectiva, seguiremos com nossas reflexões. Ao analisar como Porto Nacional sentiu a modernidade não se trata de coloca-la simplesmente em oposição em relação asmetrópoles, muito menos de partir de uma lógica binária naturalizada e excludente. Trata-se antes de pensar como a cidade portuense foi inserida numa lógica internacional do final do século XIX e início do XX, e se constituiu numa inter-relação com outros espaços urbanos.

O espaço urbano e os elementos que o constituem na cidade moderna são tomados nesse texto como formas culturais. Entendemos a noção de forma, conforme conceituou Georg Simmel em *O conceito e a tragédia da cultura*. Segundo Simmel a vida se reveste de formas culturais, pois ela apenas pode se manifestar a partir das formas. A forma é objeto da criação humana, portanto a cultura humana pode ser entendida por ela. Para o autor, o estilo moderno de articular as formas fez com que a relação entre vida e forma se desgastasse. A modernidade é caracterizada pela efemeridade e mobilidade das formas, caos de formas atomizadas. Simmel ao refletir sobre a fissura que tem a culturana modernidade, que faz a síntese entre sujeito e objeto se transformar, anunciou a tragédia visível nas grandes cidades metropolitanas. Nosso esforço será em demonstrar, a partir dele, como essa tragédia pode ser identificada com alguma peculiaridade numa pequena cidade do recôndito sertão goiano.

Em linhas gerais, para Simmel, a tragédia consiste no fato da quebra do elo entre sujeito e objeto, entre vida e forma. Segundo o autor “o fato de o espírito criar algo objetivo autônomo que se torna o caminho para o desenvolvimento do sujeito de si mesmo para si mesmo, constitui o conceito de toda cultura” (SIMMEL, 2005:18). O problema é quando o objeto abandona sua função mediadora no processo de subjetivação e não conduz o sujeito “à sua própria



altura”.Depois de criado, o objeto se autonomiza de tal forma que se desenvolve em sua própria lógica, independente do sujeito. Se subjetivar nessa relação vida e forma tornou-se um risco, uma tragédia. Nas palavras de Simmel:

A fórmula da cultura é que as energias anímicas subjetivas alcançam uma forma objetiva, independente do processo de vida criador, e que essa, por sua vez, é reinserida no processo de vida subjetivo de uma maneira que leve o sujeito a uma perfeição acabada de seu ser central. Essa corrente de sujeito, via objeto, para sujeito, na qual uma relação metafísica entre sujeito e objeto adquire uma realidade histórica, pode agora, entretanto, perder sua continuidade. O objeto pode, em princípio (...) abandonar sua significação mediadora e com isso quebrar a ponte sobre a qual passara seu caminho cultivador. (SIMMEL, 2005:24)

Primeiramente a que se lembrar de que Porto Nacional, não estava isolado dos acontecimentos no restante do país e do mundo, as informações, novidades, euforia, chegavam, com sutil defasagem, via impressos, objetos e pessoas.Quase sempre chegavam apenas como notícia, ou como rumores, as vezes como materialidade mesmo. Cada viagem feita para as grandes cidades, ou a cada viajante que de lá chegavam à Porto Nacional, ou a cada símbolo que delas faziam menção, eram motivo de notícia de destaque na imprensa e nas ruas portuenses. Veja como em 1902 o feito de Santos Dumont foi noticiado no jornal *O incentivo*:

Santos Dumont

Onde quer que pulse um coração de brasileiro patriota, certo deve-se rejubilar ante o triunfo deslumbrante desse ilustre cientista brasileiro, em plena Paris, foco por excelência, das luzes da civilização. Sabíamos de algum tempo, que havia sido criado, por um abastado capitalista, na metrópole do mundo civilizado, um prêmio pra quem, em balão, fizesse um determinado percurso em condições determinadas... É o que acaba de realizar-se com colossal sucesso, no meio das hurrahs de todo o orbe civilizado. (O INCENTIVO, 1902)

Conforme observamos no exemplo acima, tudo o que ocorria nas cidades “foco por excelência, das luzes da civilização”, se tornava em objeto de desejo para Porto Nacional, que começava a se constituir como espaço urbano tendo como referencia as grandes cidades. Aos poucos aquilo que era apenas desejo se transformaria em necessidade. Elementos nunca pensados antes pelos portuenses se tornariam em indispensáveis para sua condição de cidade, em sintonia com as cidades modernas espalhadas pelo mundo.



A cada aproximação com os paradigmas de uma cidade moderna, a cidade portuense era reconhecida como centro de excelência, como a referência para o estado. A cada desejo frustrado ou inviabilizado pela configuração urbana da cidade a condição de defasada saltava aos olhos. Não se trata apenas de infraestrutura ou do campo da técnica, isso se dava em todos os aspectos como moral, artístico, hábitos, normas sociais, ciência. Dessa forma Porto Nacional, como cidade, e seus habitantes, como sujeitos, vão se constituindo, se refazendo na relação com os outros. Conforme nos orienta Jacy Alves de Seixas, “Ao longo da modernidade as formulações sobre os processos de identificação e constituição do sujeito em sua relação com os outros, os jogos de ser e parecer em seu registro dual ou ambivalente, foram sempre desafios eivados de perplexidade” (SEIXAS, 2012:285).

Na virada do século XIX para o XX, se cria e estabelece alguns símbolos da almejada cidade moderna em Porto Nacional, que lhes deu a sensação de estar em sintonia com o mundo e de projetar boas expectativas futuras. A saber: a imprensa, ordem dominicana de origem francesa, poucas obras arquitetônicas, código de posturas, clube recreativo portuense “club oratório, dramático e dançante”, abertura de poucas ruas, um médico da cidade formado no Rio de Janeiro, um automóvel. Não havia preocupação alguma em relação ao sentido destes e outros elementos para a cidade, as preocupações eram simplesmente com a tentativa de se ajustar aos centros urbanos e de se apresentar aos outros, ainda que de forma teatral, espetacular.

Porto Nacional se inseriu no infundável abismo do “não mais e ainda não”, “não mais” uma cidade parada, estagnada, mas “ainda não” uma cidade almejada que só existiu como sonho e desejo. Uma cidade que apesar de “não mais” ser a mesma só ficará plenamente satisfeita quando alcançar o status de cidade moderna que “ainda não” existe. Essa tentativa de aproximação com os grandes centros por maior que fosse o esforço, jamais poderia ser plena. Pois novos objetos surgem, antes mesmo que os outros já criados possam ser assimilados. A sensação de incompletude e angustia são sempre incomodas e inseparáveis companhias.

De acordo com Georg Simmel:



O acervo do espírito objetivado, que cresce interminavelmente, atíça pretensões no sujeito, desperta nele veleidades, invade-o com sentimentos de insuficiência e desamparo peculiares e finalmente entrelaça-o em relações totais cuja totalidade ele não pode se esquivar, a menos que domine seus conteúdos específicos. (SIMMEL, 2005:25)

O sujeito sempre se objetiva em formas culturais. As formas culturais normatizam ações e como efeito dessa ordenação produz valores morais e efeitos psíquicos. Os objetos constituintes das cidades modernas, ou que caracterizaram cidades como modernas, se multiplicaram desenfreadamente e provocaram sentimentos morais e éticos nos portugueses, que pareciam apresentar certa fragilidade e inocência quando em face dos mesmos. Os objetos se impunham de tal maneira a eles que a possibilidade de recusar ou descartar determinada mercadoria não se apresentou como opção. Mesmo que os objetos estivessem a certa distância dos portugueses, mesmo os objetos não integrados satisfatoriamente a dimensão psíquica, não havia como se libertar. Nisso percebemos uma espécie de perplexidade e desencantamento às avessas.

Uma das sensações de novidade produzidas em Porto Nacional se deu com a chegada de missionários dominicanos franceses que se estabeleceram na cidade. Os missionários chegaram ao Norte Goiano com concepções bem definidas sobre fé, civilidade, religiosidade, cidade, educação e modernidade; e foi a partir dessas concepções que atuaram na região. As primeiras ações da ordem foram a criação de uma escola primária, a construção de um convento e da imponente Catedral, igreja Matriz da região. Igreja imponente feita com pedras, localizada no alto de um morro de frente para o Rio Tocantins. Além disso, os dominicanos foram colaboradores da imprensa local em formação naquele momento¹

Memorialistas e alguns historiadores que escreveram sobre a presença dos dominicanos em Porto Nacional, concordam e fazem a manutenção da tônica ainda viva no imaginário social dos tocantinenses, de que após o advento da missão dominicana a cidade de Porto Nacional havia se estabelecido como o centro de irradiação espiritual e intelectual da região,

¹Sobre isso ver: OLIVEIRA, Maria de Fátima. *Entre o sertão e o litoral: Cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910*. Anápolis: UEG, 2010, p. 68.



visto que criaram elementos que os aproximaram, minimamente a cidade das grandes cidades. A Catedral é ainda hoje o cartão postal, centro da parte histórica da cidade e símbolo arquitetônico de um discurso que apresenta Porto Nacional como referência intelectual, artística, religiosa e cultural do estado do Tocantins. Evocados na, já citada, comemoração da Semana da Cultura. Percebemos nisto um passado saturado de “agoras” do qual faz menção Walter Benjamin (BENJAMIM, 1994:229-230).

Em 1906 o Jornal Norte de Goyaz, alinhavado com a ordem dominicana, publicou que a catedral era “o templo que hoje serve-nos de Matriz, templo cuja architectura faz honra a qualquer cidade culta e que é um dos mais notáveis do Estado de Goiaz” (NORTE DE GOYAZ, 1906). Os dominicanos tentaram se impor não apenas pelas ideias e convicções, mas também pela ocupação de espaços estratégicos na cidade, com obras que os colocavam como referência à população. Os detentores de um saber autorizado que, portanto, lhes conferiu poder e a constituição de um lugar de destaque na sociedade portuense. A estratégia foi tão bem sucedida que todo passado da história de Porto Nacional desde o século XVIII até a contemporaneidade, parece se reduzir, no imaginário portuense, ao momento em que os dominicanos promoveram, a partir de algumas obras pontuais, a sensação de novidade, ou seja, de aproximação com outros centros urbanos tidos como referência no país e no mundo.

Visto que a modernidade se institui a partir de diversos dispositivos desde o renascimento, podemos perceber, pela trajetória de Porto Nacional, que na virada do século XX, ela atuou dentre outros dispositivos, através das formas urbanas e seus elementos constituintes. Aqui fazemos uma aproximação das noções de forma e efeito de Georg Simmel com a noção de dispositivo de Giorgi Agamben, visto que segundo este último, dispositivo é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, condutas, as opiniões e discursos dos seres viventes”(AGAMBEN,2009:39). Os dispositivos criados em Porto Nacional, bem como os criados noutros lugares, mas lá propagados, atuaram dessa forma na população portuense.



Outra sensação de novidade produzido em Porto foi a *typografia*, e os periódicos lá produzidos, ao mesmo tempo objetos culturais e propagandistas dos mesmos. Os jornais são apresentados como o primeiro passo dado rumo ao futuro desejado, qual seja: criar para si uma cidade semelhante aos grandes centros.

Para ficar consignado entre os acontecimentos que hão de figurar na futura história de Porto Nacional, noticiamos que a nossa typographia é a primeira que se estabeleceu no Norte de Goyaz e em toda zona do Alto-Tocantins (...) A folha do Norte atira-se nas lutas do porvir, e é mais uma escola preparadora da nossa sociedade futura (FOLHA DO NORTE, 1891)

Verificamos quanta benevolência possui um povo quando nele existe a melhor parcela de apreço as letras, a perfeição da sociedade, ao seu engrandecimento em fim (FOLHA DO NORTE, 1891)

Sobre o jornal, Simmel diz que a unidade, em termos de aspecto e significação, se deve a uma personalidade dirigente, mas o jornal é também, principalmente, resultado das mais variadas contribuições de personalidades distintas e estranhas entre si. Como objeto cultural ele surge da atuação de diversas pessoas, como totalidade o jornal não provém de um sujeito anímico. Para o autor “os elementos reuniram-se como que seguindo uma lógica e intenção de formação – que não foram atribuídos a eles por seu criador – interior a eles como realidades objetivas” (SIMMEL, 2005:19).

De acordo com Maria de Fátima Oliveira, o jornal Norte de Goyaz tinha como objetivo principal “colocar os leitores a par do movimento do país e do mundo” e dar especial atenção a higiene e instrução “visando soluções imediatas”(OLIVEIRA, 2010:85). As cidades cosmopolitas fizeram gerar em Porto Nacional ideias e ideais, causas que se tornaram objeto de luta e combate, porque antes disso foram objetos de desejo. O cronista diz que “N’esta grande batalha da vida quotidiana em que lutam os povos entre si e os povos dentro de si mesmo, se o poeta é o clarim do exército, se o sábio é o seu guia, o jornalista é o soldado” (FOLHA DO NORTE, 1893).

A luta dos povos entre si, e dos povos dentro de si mesmo, foi provocada e mediada em grande medida pelos elementos culturais característicos da cidade moderna, que caracterizavam também pessoas. Foi justamente na virada do século XX que as intenções separatistas do norte de Goiás ganharam forma e força, que a diferença entre nortistas e sulistas



foi criada e alimentada, que a construção identitária de povo nortista e da região Norte foram aprendidas em oposição ao sul do estado. O argumento utilizado para legitimar essa diferenciação e as intenções separatistas era, sobretudo no que diz respeito a disputa pelos elementos culturais produzidos nas metrópoles. Para além das disputas por poder político e dos interesses particulares, o excessivo uso do argumento, como estratégia, por parte da imprensa portuense, demonstra o quanto as pessoas eram tocadas por esses elementos da cidade moderna naquele momento.

Observe o exemplo abaixo:

*As estradas cá do norte,
São trilhos dos animais:
Rio Vermelho é uma grotta
E possui famoso caes!
Para nós não há recurso
De pinguela levantar
Nos riachos caudalosos
Temíveis de atravessar.
Mas no sul existe pontes
Em grotinhas d' enxurradas,
Que na maior invernada,
Té no fundo estão torradas
Podia o sul aguentar
Com os impostos também
E nós? Esquecidinhos,
Para todo sempre: amem.
(FOLHA DO NORTE, 1891)*

Em outro periódico a tendência se mantém:

A vida do sertanejo nortista é ainda uma cópia espontânea da que gozavam os habitantes das primeiras edades do globo, com pequenas atenuações. A região norte tem permanecido segregada dos grandes centros de vida e progresso, sem a

mínima e a mais leve comunhão nas vantagens e benefícios prodigalizados ao sul de Goiás (NORTE DE GOYAS, 1906)

A imprensa portuense insistia na questão de “ao sul tudo e ao norte nada”, um misto de humor e angustia ocupa os jornais. Não se trata simplesmente de obter aquilo que realmente era necessidades dos indivíduos, mas aquilo que projetasse Porto Nacional no rol dos grandes centros. Nesse sentido as ruas largas, o saber autorizado da medicina, o automóvel, as pontes, o código de postura, a ferrovia, cinematografo, entre outros tantos objetos culturais, eram desejados não pela sua origem e finalidade em si, mas pela possibilidade de projeção que eles poderiam oferecer. Diante do que foi colocado até aqui parece existir uma ambivalência em Porto Nacional, pois se coloca na modernidade, mas também fora dela.

Os portuenses estavam cercados por elementos culturais, um monstro urbano se impôs, despertando fascínio e medo. A fantasia urbana se tornou símbolo da vida moderna e mesmo vendo a modernização das cidades a certa distância, o espírito de modernidade os capturou de súbito, parte da população se esforçou para mantê-lo, outra parte se esforçou para dele se esquivar, mas ambos os esforços foram inúteis. A problemática típica do homem moderno definida por Simmel pode ser aplicada aos “caboclos do norte”. Os objetos tornaram-se superiores ao sujeito, oprimindo-o em todas as definições que o termo pode conter.

O sentimento de ser circundado por inúmeros elementos culturais que não lhe são desprovidos de significação, mas que também não são, em seu fundamento, plenos de significação – elementos culturais que no conjunto possuem algo de opressivo, porque ele não pode assimilar interiormente a todos individualmente, e tampouco pode simplesmente descartá-los, uma vez que eles pertencem potencialmente à esfera de seu desenvolvimento cultural. (SIMMEL, 2005:25)

Se valendo de Marx, seu contemporâneo, Simmel nos chama a atenção para o caráter fetichista contida nos conteúdos culturais, cada vez mais apartados da sua finalidade cultural. De forma ilimitada, os conteúdos culturais se proliferaram, seguindo sua própria lógica, emancipados do sujeito, mas promovendo nele necessidades superficiais e artificiais. É visível que os habitantes de Porto Nacional pouco consumiram, passivamente e muito menos criativamente, aquilo que Simmel chamou de “superficialidades”, ou “peso morto”, mas isso agravou ainda mais a angustia,



aflição e a perplexidade dos portuenses, pois desejaram a todo instante consumir esses conteúdos culturais.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

No momento em que as grandes cidades no Brasil e no mundo eram variadas por uma avalanche de desenvolvimento, em que o saber técnico se expandiu em demasia ao ponto da auto referência, em porto se evidenciou a tragédia.

Na linha do pensamento de Simmel, os objetos se desenvolvem em sua própria lógica, tornando o ser humano num mero suporte. O sujeito não pode mais seguir a via tomada pelo objeto, caso o faça ele se extravia. Os habitantes de Porto Nacional se subjetivaram nessa ruída relação entre vida e forma. Extraviaram-se na via trágica dos objetos culturais, mesmo sem usá-los efetivamente, ou seja, espécie de suportes vazios, mas que receberam o registro de informações atribuídas pelos objetos culturais para os quais sevem de suporte. Nesse sentido, a tragédia anunciada por Simmel, nos portuenses, parece ter dupla dimensão.

A cena urbana em seu desenvolvimento próprio abarcou os portuenses em seu caminho, sem conduzi-los necessariamente para o desenvolvimento dos sujeitos. Essa lógica própria, independente, das formas culturais, no contexto da urbanização das cidades, consumiu e ainda consome continuamente as forças dos sujeitos nortistas. Espécie de corredores de uma maratona, que não permite desistência e, pior, sem linha de chegada.

Ainda que Porto Nacional não tenha se transformado em importante centro industrial ou econômico, ou em metrópole, ela se insere num conjunto de cidades de diferentes regiões do Brasil que vivenciou de alguma forma a urbanização ocorrida no Brasil na virada do XX e que tiveram grande importância em suas regiões. Viveu e interpretou a sua maneira essa fase, não simplesmente importando a cultura moderna dos grandes centros europeus, Americanos e Latino Americanos, mas condicionado por ela, também criou os seus próprios parâmetros. Nesse sentido as questões urbanas, do cotidiano e cultura de Porto nacional revelam projetos, estratégias de resistência, conformação, conflitos e contradições oriundas de uma gama de novas experiências e



exigências do impulso de crescimento daquele período.

Encerramos nossa reflexão com a sensação de que na feitura deste texto, apropriando-me da analogia do próprio Simmel, temos “uma mera diferença de grau com relação a uma criança que brincando com as letras do alfabeto, as ordenou casualmente em uma palavra (...)”, nosso receio, está em saber se com ou sem sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. A ascensão da insignificância. In: *As encruzilhadas do labirinto IV*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CERTEAU, Michel de. Culturas Populares. In: *A invenção do cotidiano: 1 artes do fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In: Burke, Peter (org.). *A Escrita da história: Novas Perspectivas*. São Paulo: EDUNESP, 1992.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. *Entre o sertão e o litoral: cultura e cotidiano em Porto Nacional 1880/1910*. Anápolis: UEG, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves. Linguagens da perplexidade: personas, infinitos, desdobramentos (três narrativas, três tempos). In: SEIXAS, Jacy Alves; CESAROLI, Josianne; NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Tramas do político: linguagens, formas, jogos*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SIMMEL, Georg. *O conceito e a tragédia da cultura*. In: ÖELZE, Jessé Souza B. *Simmel e a modernidade*, Brasília: Ed. UNB, 2005.